

*A Contribuição
do Movimento
Escolinhas de Arte
no Ensino de Arte em
Santa Catarina*

Fabiola Cirimbelli Búrigo Costa

Este artigo¹ busca contribuir com as reflexões e encami-nhamentos em torno da importância da organização da História do Ensino de Arte em Santa Catarina. Oferece um olhar que trás a marca pessoal de quem vivenciou parte desta história, sendo constituído por múltiplos olhares e fragmentos que revelam a história do Movimento Escolinhas de Arte e seus desdobramentos em nosso estado, com ênfase na criação da Escolinha de Arte de Florianópolis.

Um Olhar Inicial

Em seus escritos sobre a História da Arte-Educação Ana Mae (1982) já apontava, que um dos instrumentos de conscientização dos educadores poderia se constituir na análise histórica, pois apenas esta “atravessa o processo de transformação, modernização e inovação do sistema educacional” (p.14). É função da história, segundo ela, explicar o presente, contribuindo como importante instrumento de reflexão, questionamento e auto-identificação.

Sendo a história uma conjugação e interpretação de fatos e narrativas, uma maneira peculiar de organizar modos de ser, estar e ver o mundo busco contribuir na construção dessa história, revelando o envolvimento de quem vivenciou parte desta.

Falar da história do ensino de Arte em Santa Catarina para mim inclui diretamente o Movimento Escolinhas de Arte - MEA, uma vez que a Escolinha de Arte de Florianópolis marca efetiva e afetuosamente minha iniciação na relação do aprender e ensinar Arte.

Em 1988, em trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Arte-Educação efetuado na UDESC, tive oportunidade de pesquisar sobre a Escolinha de Arte de Florianópolis, procurando entendê-la dentro do processo mais amplo da Arte-Educação no Brasil. Esta pesquisa foi publicada em 1990, por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, através do empenho da então diretora da Escolinha Rosane Fernandes Kronbauer, com o título “Escolinha de Arte de Florianópolis: 25 anos de Atividade Arte-Educativa”, oportunizando o acesso das informações a um maior

¹ Texto adaptado ao elaborado para o Painel: “Organizando a História do Ensino de Arte em Santa Catarina” realizado no “II Colóquio sobre Ensino de Arte: Reflexões Inclusivas”, que ocorreu em Florianópolis de 26 a 28/09/2005, promovido pelo Centro de Artes - CEART, da UDESC, Pólo Arte na Escola - CEART, ITACA - Produções Culturais e Secretaria Estadual de Educação e Tecnologia.

número de interessados e incentivando a publicação de novas pesquisas nesta área em nosso Estado.

Com foco voltado mais especificamente para a Escolinha de Arte de Florianópolis, a pesquisa não avançou a nível catarinense, ainda por ser realizada. Entretanto, procurarei reconstituir um pouco deste movimento através de alguns olhares, organizando fragmentos da história a partir de minha pesquisa e do contexto vivido, com intuito de que possam realizar suas próprias sínteses.

Movimento Escolinhas de Arte

Falar de Escolinhas de Arte remete-nos a falar de sua célula-mater, a Escolinha de Arte do Brasil, cuja criação, em 1948 no Rio de Janeiro, marca o início da renovação da Arte-educação no período (pós-ditatorial, 1945) de redemocratização e de busca por processos de revitalização educacional no Brasil.

A história da criação da Escolinha reflete não somente o contexto desse período como a história de vida de um artista cujo nome confunde-se com a própria história da Escolinha de Arte do Brasil e do Movimento Escolinhas de Arte: Augusto Rodrigues, reconhecido e respeitado por “difundir e fomentar a filosofia e a metodologia do MEA, espalhando por todo território nacional a necessidade de inclusão da Arte na educação escolar” (Azevedo, [2005], p. 4-5).

A proposta de renovar métodos e processos de educação através da educação criadora, segundo Augusto Rodrigues, originou-se de um sonho provindo de seu processo de formação, que considerava tremendamente repressor e que impossibilitava o aluno de expressar-se, comunicar-se e relacionar-se humanamente. Inquieto e inconformado com os processos de educação, achando que seu caminho seria o da arte, inicia sua carreira artística. Em contato com artistas também insatisfeitos com a escola comum, unem-se em um mesmo ideal: possibilitar um lugar para as crianças se expressarem e liberarem seus impulsos criadores. Diz Augusto Rodrigues:

A invenção da Escolinha não foi um ato solitário. Artistas, intelectuais e educadores que se juntaram para sua criação permitiram a descoberta da criança como proponente básico para a compreensão da proposta pedagógica à qual a Escolinha se propunha. Penso que o processo educativo de-

pende desse conhecimento de um sonho e de fazer dele a própria realidade (Rodrigues apud Zolads, 1988, p.2).

Augusto Rodrigues, Margaret Spencer (artista americana) e Lucia Alencastro Valentim (professora de Arte), ao conseguirem permissão para trabalhar no corredor da Biblioteca Castro Alves, iniciam a Escolinha. A experiência é desenvolvida com um pequeno grupo de crianças, com a preocupação inicial de liberá-las através do fazer artístico, respeitando a livre-expressão e estimulando a iniciativa. Registravam todas as análises e observações para posteriores estudos e debates na tentativa de aprender o que a arte representava para a criança.

As crianças começaram a vir cada vez mais, nas mais diferentes idades e o próprio nome Escolinha foi dado por elas a partir do momento que começavam a dizer “amanhã eu venho à Escolinha” (Rodrigues apud Brasil, 1980, p.39). Para Augusto Rodrigues era clara a distinção que faziam entre a escola institucional, onde iam aprender e a Escolinha, no diminutivo como componente afetivo, onde elas viviam a experiência livremente.

Os surpreendentes resultados pedagógicos observados nas crianças que passavam pela Escolinha levaram-na a funcionar como um centro de estímulo e pesquisa a inúmeros educadores e artistas. Pessoas de todas as áreas e atividades passaram a visitá-la e gradativamente a Escolinha ampliou suas atividades.

A identificação com os novos métodos originários de Franz Cizek e apresentados por Hebert Read firmam conseqüentemente grande influência de suas idéias, as quais repercutiam por um enfoque da simbologia dentro da perspectiva de Jung. Em 1953 Read visita a Escolinha de Arte do Brasil e a experiência se consolida, uma vez que este a estimula e reconhece como válida. A partir de então, a organização e participação da Escolinha em exposições infantis passam a ser realizadas também no exterior e, através delas, mantinham contatos e promoviam-se trocas de experiência (Brasil, 1980).

O crescente interesse pela filosofia e prática da educação através da arte em todo o mundo acaba por criar, em 1954, a Sociedade Internacional de Educação Através da Arte - InSEA, órgão consultivo da Unesco. Sendo Augusto sócio-fundador, a Escolinha passa a participar de todas as atividades, apresentando análises e de-

poimentos sobre a experiência brasileira, contribuindo para a formulação de conceitos de arte-educação e promovendo intercâmbio entre países, através da ida e vinda de professores e artistas em cursos e conferências. Em 1984 o XXV Congresso Mundial da InSEA foi realizado no Rio de Janeiro e continua sendo realizado em diversos países, congregando artistas, pedagogos, agentes educativos em galerias, museus e serviços culturais, animadores sócio-culturais e outras pessoas com interesses similares pela educação artística visual e educação pela arte. A InSEA tem como objetivo fundamental o “desenvolvimento da educação e criatividade através das artes em todos os países e a promoção de valores de tolerância e compreensão entre os povos” (Sociedade Internacional de Educação Através da Arte - InSEA, 2005, p. 1). Em 2006 o Congresso aconteceu em Viseu, Portugal, tendo como tema “Diálogos Interdisciplinares em Arte Educação”.

Durante os primeiros anos de experiência em campo aberto, sentia-se a necessidade de ampliar a experiência da Escolinha de Arte do Brasil através da formação de professores em cursos e divulgando a proposta através de palestras, conferências, debates e cursos especializados. Em 1960 a Escolinha aceita para um estágio intensivo doze professores de vários estados que buscavam entender melhor os meios de integrar a arte no processo educativo. Os resultados positivos desta experiência projetaram-se, apontando para uma nova modalidade de curso em tempo integral, os Cursos Intensivos de Arte na Educação - CIAEs.

Para falar do CIAE, reporto-me às palavras da professora Noêmia de Araújo Varela, presença viva e marcante no Movimento. D. Noêmia foi professora e coordenadora do CIAE e diretora do departamento pedagógico da Escolinha de Arte do Brasil, dedicando-se intensamente à formação do arte-educador ao longo de seu trabalho.

É um curso (CIAE) provocador do que chamamos prontidão para mudanças, muitas vezes bem sensíveis - seja no próprio professor-aluno, seja em escolas e outras instituições - alargando, estrategicamente, dimensões da personalidade e estendendo as fronteiras da experiência nas Escolinhas de Arte. [...] A equipe de professores do Curso Intensivo vem sendo formada de modo singular e, mais uma vez, Augusto Rodrigues, na época, inovou quando, na procura da solução para formá-la, chamou não somente o professor titulado e com experiência de alto nível, mas também, conquistou para essa equipe o artista, o artesão,

o crítico de arte, o jornalista, o técnico de futebol, o poeta, o cientista e todo aquele capaz de alargar a percepção do professor-aluno. [...] É um aprender fazendo, que se fundamenta em estudos sobre Arte, Educação e Psicologia e no enfoque dos princípios filosóficos básicos para uma melhor compreensão de como educar pela arte (Varela apud Barbosa, 1986, p.17-18).

Cabe enfatizar que o CIAE constituiu-se, desde o seu início, no único curso em educação através da arte destinado a professores, de todos os graus de ensino, até o advento da Lei 5.692/71, quando, através da obrigatoriedade do ensino de Educação Artística no 1º e 2º graus, criam-se os cursos de Licenciatura em Educação Artística em 1973. Nesta época, aumentava a procura do Curso Intensivo de Arte na Educação e a necessidade de reestruturação do curso tornava-se evidente.

Tendo a Escolinha nascido de uma experiência em campo aberto, espaço não-formal, autônomo e gerador de experiências na perspectiva da arte-educação, sua política educacional de expansão gerou o Movimento Escolinhas de Arte, movimento de organização também não-formal, alternativo, que cresceu, segundo D. Noêmia Varela (1988) como um ‘movimento terapêutico’, no sentido de que procurou de alguma forma suprir o que o estado não supre, “pelo seu empenho em recriar a educação trazendo a consciência, através da arte, interesses vitais” (p.4).

Foram fundadas 132 Escolinhas de Arte no Brasil e mais 4 fora de nosso país: Argentina, Paraguai e Portugal. Desta forma, a Escolinha de Arte do Brasil passava a liderar um amplo Movimento com uma filosofia comum:

O respeito ao ser humano, a sua capacidade de criar levando-o a encontrar na arte formas de se realizar e expressar seu conhecimento de si mesmo como ser atuante em busca da liberdade. O encontro da ‘liberdade individual’ no ato de criar levará o homem a um ‘novo humanismo’ fundamentado na paz (Conclusões..., 1972, p.16).

Apesar de trabalharem fora do sistema educacional do ensino público, as Escolinhas influenciaram-no profundamente, trazendo resultados bastante positivos ao processo de ensino em geral, chegando algumas delas a serem consultoras para o sistema escolar público. O Movimento permitiu abertura para se repensar arte-educação em função do desenvolvimento do ser humano e da sociedade.

Com intuito de fomentar reflexões inclusivas, cabe ressaltar o caráter inclusivo da proposta arte-educativa da Escolinha de Arte do Brasil. Crianças e jovens com história de deficiência eram recebidos como alunos convivendo junto com os outros alunos, sendo todos respeitados e valorizados em seu próprio contexto com sua forma de ser, pensar, agir e se expressar.

Os princípios do movimento enfatizando a importância da arte no processo educativo construtivo revelavam o forte vínculo do papel terapêutico da arte na educação. Segundo Azevedo [2005], vários profissionais trabalharam no Movimento, articulados com a Educação Especial. Entre eles destacam-se: a psiquiatra Nise da Silveira, a educadora Noêmia Varela e a médica e educadora Helena Antipoff, uma das grandes incentivadoras da EAB. Helena, ao inaugurar a Sociedade Pestalozzi, convidou Augusto para dar aula de artes plásticas na instituição, ressaltando desde então a importância e a possibilidade de se educar a criança com história de deficiência, dando especial importância ao ensino da arte.

Desdobramentos do Movimento em Santa Catarina: a criação da Escolinha de Arte de Florianópolis

Em Santa Catarina refletia-se o contexto nacional arte-educativo da época. Reportando-nos à década de 60, mais especificamente em 61, decretava-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual sancionava a organização de classes experimentais, permitindo o desenvolvimento de uma atitude voltada para a experimentação da Arte nas escolas (Barbosa, 1982). O Movimento Escolinhas de Arte, neste ano, ampliava-se consideravelmente, promovendo o primeiro Encontro do Movimento.

Em Florianópolis, sede da Secretaria da Educação e Cultura do Estado, responsável pela ação e difusão do processo educativo-cultural, detectava-se fontes propiciadoras da Arte-Educação nesta década.

Dentre as atividades culturais desenvolvidas no Museu de Arte Moderna - MAM, em 1960 e 1961, incluía-se respectivamente a montagem da “Exposição de Desenho Infantil de Crianças de 3 a 10 anos, de Florianópolis” e da “2ª Exposição Anual de Desenho Infantil”, cujos trabalhos expostos eram decorrentes de trabalho desenvolvido neste museu, que em 1961 foi denominado Museu de Arte Moderna de Florianópolis - MAMF.

Como consequência da reestruturação política, o então Departamento de Cultura busca em 1962 promover um trabalho de maior difusão da cultura no Estado. Em parceria com o MAM, realiza neste ano o “I Salão Catarinense de Arte Infantil”, no Teatro Álvaro de Carvalho, do qual participaram alunos dos cursos primário e pré-primário de todo o Estado. Os trabalhos classificados seriam encaminhados ao Jornal Folha de São Paulo, Promotor do “Salão Nacional de Arte Infantil”, sob os auspícios do Ministério da Educação e Cultura.

Nesta época o Museu era dirigido pelo Professor João Evangelista de Andrade Filho, professor de história da arte e conhecedor das bases filosóficas do MEA (atualmente diretor do MASC), que em sua gestão já demonstrava preocupação com a Arte e seu ensino.

Estas exposições registram indícios da apreciação e da valorização da arte infantil, bem como da experiência de trabalhar com as crianças através da Arte.

Em 1963, o Departamento de Cultura passa a ser dirigido pela professora Emiliana Maria Simas Cardoso da Silva que, entre suas realizações, cria a Escolinha de Arte de Florianópolis.

A criação da Escolinha, entretanto, não foi um ato isolado. Foi consequência do empenho, interesse e envolvimento de três pessoas em especial, que tinham a intenção de proporcionar a Florianópolis uma abertura maior no campo da Arte-Educação: João Evangelista de Andrade Filho, Emiliana Maria Simas Cardoso da Silva e Maria Helena Gallotti Mamigoniam, com o mérito do Governo do Estado que encampou a idéia, um tanto avançada para um organismo estatal assumir.

João Evangelista, enquanto diretor do Museu, conduziu os primeiros passos da caminhada arte-educativa em Florianópolis, por meio de uma nova maneira de ver e sentir a arte infantil, impulsionando sua valorização através do respeito à livre-expressão. Emilia-

na, diretora do Departamento de Cultura, professora de Psicologia Evolutiva, conhecia o trabalho de Augusto Rodrigues com as Escolinhas de Arte e ficou entusiasmada; segundo ela “[...] encantada com a possibilidade de criar aqui. Criar um laboratório mesmo, para a criança funcionar, ser bem criativa [...]” (Costa, 1990, p. 51). Maria Helena, professora, gostava muito de arte e trabalhava com jardim de infância. Realizou estágio na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, visando iniciar a experiência em Florianópolis.

De forma informal, sem um documento oficial que a formalize, nasce a Escolinha de Arte de Florianópolis, em junho de 1963, sendo sediada no MAMF e a ele subordinado. Maria Helena inicia as atividades da Escolinha, exercendo durante o período de 63-64 a função de única professora, sendo em julho de 1964 designada também diretora, exercendo o cargo até 1968.

O primeiro contato com as crianças da Escolinha surgiu através de correspondência enviada às escolas oficiais e particulares e jardins de infância de várias comunidades, convidando-as a mandarem trabalhos de crianças para a Exposição de Desenho Infantil a ser realizada no Museu. Os desenhos foram selecionados e expostos nesta exposição, que passou a ser considerada a 1ª Exposição da Escolinha de Arte de Florianópolis, cuja finalidade era motivar as crianças a frequentarem a Escolinha. A capa do catálogo da exposição apresentava um desenho da aluna Maria Inês Cardoso da Silva, instituído até hoje como símbolo da Escolinha.

Para o ano seguinte as matrículas foram divulgadas via imprensa, sendo gratuitas e oferecidas a crianças de 4 a 13 anos.

Seguindo a filosofia do MEA e apoiando-se nos livros de Herbert Head e Arno Stern, o objetivo da Escolinha era de liberdade, de criação artística livre (Costa, 1990). No início houve uma certa resistência dos pais e comunidade que achavam que se devia ensinar a desenhar e a pintar. Procurava-se, portanto, estimular as crianças para que trabalhassem, sem obrigações, sem normas a seguir permitindo a espontaneidade dos alunos e estimulando sua livre imaginação. Sua trajetória histórica rica, dinâmica e diversificada é marcada por uma série de mudanças relacionadas a sua estrutura, dimensão e trabalho, decorrentes do processo histórico-cultural-político-social em que estava inserida.

O início da Escolinha foi marcado por amplo intercâmbio cul-

tural com Escolinhas de Arte, órgãos e entidades ligados à Arte, integrando-se intensamente ao Movimento de Arte Infantil através da participação de trabalhos de crianças em mostras, exposições, salões e concursos locais, nacionais e internacionais, tornando-se mais internacionalmente conhecida e bem considerada pelo fato de muitos de seus alunos terem sido classificados e premiados em alguns destes eventos.

Podemos concluir que, em seu período inicial, de 63-77, quando esteve subordinada ao Museu, a proximidade da Escolinha com este, fora extremamente benéfica. As crianças participavam das exposições, apreciavam as obras, circulavam dentro do espaço trocando informações, enquanto a rotatividade das exposições servia como estímulo propulsor para a criação. A criança sentia-se valorizada e estimulada ao ver seu trabalho ali exposto no período de Exposição da Escolinha. Segundo depoimento de Carlos Humberto Correa, diretor do MAMF em 1963, “o que passou a mudar a cabeça daquela gurizada, foi a convivência de trabalharem dentro do Museu, muitas vezes até junto com as exposições, no próprio salão” (Costa,1990, p.54). Não era preocupação na época ensinar as crianças através das exposições, em contato direto com obras de arte, mas já se detectava a importância da vivência na relação da apreciação e expressão artística.

A partir de 77, ao adquirir autonomia como órgão de unidade operacional ligado à cultura, observa-se um período de crescente preocupação em integrar a Arte ao processo educativo através de cursos, estágios e orientações a professores interessados em Arte-Educação. Propostas de descentralização de suas atividades, procurando atingir um maior número de pessoas, foram viabilizadas através de vários projetos realizados.

Em âmbito interno, a ampliação do corpo de professores e de alunos da Escolinha fora considerável. De 7 ou 8 crianças que iniciaram a experiência em 1963, chegou-se ao número de 50 crianças matriculadas no ano seguinte e, em determinados períodos históricos, a Escolinha chegou a atender um número aproximado de 470 crianças através do “Curso Regular de Educação Criadora – CREC”.

Como atividade permanente da Escolinha, o CREC atendeu crianças na faixa etária entre, aproximadamente, 3 a 14 anos, com objetivo de desenvolver a capacidade criadora através de artes plásti-

cas, música, teatro, expressão corporal, recreação, carpintaria, modelagem, jardinagem, gravura, artesanato, folclore, literatura infantil, batik, escultura, exploração de fotografia, enfim, áreas que foram sendo oferecidas de acordo com as especificidades dos professores no transcorrer dos períodos históricos. Adotavam-se neste curso os métodos da livre-expressão, do emprego de seqüência de técnicas e o de proposições temáticas, muitas vezes levando a elaboração de projetos dentro de um tema fornecido.

Em 1986 o projeto “História da Arte para Crianças” foi aplicado, com uma hora semanal, em turmas de faixa etária superior a seis anos. Objetivava levar a criança a valorizar e compreender os diversos tipos de obras de arte e seus estilos, identificar as principais obras dos destacados artistas regionais, nacionais e internacionais e utilizar os conhecimentos adquiridos na criação de novos trabalhos. Reestruturando-se à medida que era aplicado, o projeto deu origem ao livro “Questionando a Livre-Expressão: História da Arte na Escolinha de Arte de Florianópolis” (1990), publicado com apoio da Escolinha. A partir deste período, propostas de ensino interligando a produção artística, a leitura de imagem e a contextualização histórica passam a ser desenvolvidas por alguns professores.

As exposições da Escolinha de Arte também estiveram presentes desde o início de sua criação. Exposições coletivas de alunos, resultantes da produção artística desenvolvida no CREC ou projetos afins da Escolinha, ainda continuam sendo realizadas normalmente ao final de cada ano, com intuito de valorização e incentivo da produção artística, bem como de apreciação, leitura e reflexão desta produção.

No âmbito externo, a Escolinha enquanto laboratório irradiador de cultura e incentivo à educação artística, buscando atender a demanda de pessoas interessadas em trabalhar seguindo sua orientação, oportuniza uma ampliação de possibilidades de estágios e cursos a partir do ano de 1978.

Como elemento motivador deste período, cabe ressaltar que as professoras da Escolinha estiveram presentes como participantes no “I Encontro Catarinense de Arte Educação,” realizado em Florianópolis no início de 78 pela Secretaria de Educação e Cultura. O Encontro tinha como objetivo conscientizar o professor do ensino de 1º grau da possibilidade de educar através da arte. Augusto Rodri-

gues, Noêmia Varela, Lúcia Valentim marcam presença neste encontro e visitam a Escolinha de Arte de Florianópolis, tecendo elogios e estimulando-a na continuidade do trabalho. A ausência de uma participação mais efetiva da Escolinha no Encontro fora ressaltada por Augusto Rodrigues em mesa-redonda.

Estágios oficiais para estudantes de Educação Artística da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, bem como estágios em forma de bolsa de trabalho e de estudo, passam a ser firmados, ampliando a presença de professores e estudantes de Arte na Escolinha.

A preocupação com a formação de professores, visando a melhoria do Ensino de arte nas escolas, que nos primórdios da Escolinha se efetuará através do curso “Teoria e Prática da Arte Infantil” em 1967, é intensificada no final da década de 70, início de 80. Vale notar que o curso de 67 foi pioneiro em Florianópolis, no sentido de orientar professores através de novos métodos e processos arte-educativos, em uma tentativa de transformar a própria educação. Em 79 é criado o “I Curso Interno de Arte Infantil” destinado ao corpo docente da Escolinha, rede municipal e professores de Escolinhas de Arte.

Os resultados positivos deste primeiro curso propiciaram a criação dos “Cursos Intensivos de Criatividade na Educação” - CI-CEs, que passaram a ser realizados anualmente na Escolinha de Arte. Seus princípios de orientação incluíam aulas práticas e teóricas nas diferentes áreas, com a utilização de recursos técnicos e pedagógicos, estágio supervisionado na Escolinha de Arte de Florianópolis e avaliação final. Destinados a professores, artistas e pessoas interessadas, com o objetivo de despertar atitudes de pesquisa e de experimentação, fundamentais à Educação Artística, estes cursos ampliaram seu raio de ação a partir dos convênios firmados com a Secretaria de Educação, sendo muitos ministrados também no interior do Estado.

Com a preocupação de atender aos professores e escolas em geral, em 1987 a equipe da Escolinha de Arte elabora a cartilha “Fazer Criando”, demonstrando, de certa forma, a filosofia da Escolinha de Arte de Florianópolis, além de colocar seus objetivos e atividades desenvolvidas em diversas áreas de expressão criadora. Exemplares da cartilha foram enviados a 198 municípios de Santa Catarina, embaixadas, ministérios e órgãos ligados à Cultura, Arte e Educação,

sendo também distribuídos ao público do Projeto Interiorização, na tentativa de subsidiar os professores e pessoas interessadas em Arte-Educação.

A procura de cursos por parte de pessoas adultas interessadas num processo criativo inovador impulsionou a criação de oficinas e ateliês diversos, entre eles: “Curso de Criatividade Corporal”, “Pintura e Desenho Artístico”, “Atelier de Cerâmica”, “Oficina de Atividades Criadoras”, “Atelier Livre de Criatividade”, entre outros.

Além destes, projetos de cunho sócio-cultural foram criados pela Escolinha, visando descentralizar ainda mais suas atividades, ampliando seu atendimento a um maior número possível de pessoas. Dentre eles destacamos:

PROJETO “ARTE E LAZER”: procurava desenvolver programas específicos de arte, juntamente com unidades escolares, oportunizando ampliação da carga horária de Educação Artística; promovia a participação de professores e despertava no aluno o desejo de utilizar o lazer criativo em suas horas de folga.

PROJETO “ATELIER DE ARTE”: buscava desenvolver junto com entidades educacionais, programas específicos de artes, oportunizando o desenvolvimento da sensibilidade artística a alunos cuja situação econômica era considerada precária.

PROJETO “ARTE-EDUCAÇÃO”: consistia em ministrar cursos intensivos sobre arte e educação para professores da rede escolar pública ou privada, de 1º e 2º graus nas cidades de Tubarão, Criciúma e Itajaí. O projeto justificava-se pelo fato de nosso Estado não possuir pessoal habilitado na área de Educação Artística.

PROJETO “PEQUENA INICIAÇÃO ARTÍSTICA PARA OS PEQUENOS”: buscava despertar no menor, cuja situação econômica era considerada precária, o desejo de fazer uso da expressão artística em suas horas ociosas, como forma de lazer criativo-educativo.

“PROJETO AMBULANTE”: procurava desenvolver programas específicos de arte, juntamente com entidades assistenciais, hospitalares e lideranças de bairro da Grande Florianópolis.

“PROJETO CORETO” e **“PROJETO PREENCHENDO ESPAÇO”:** surgiram praticamente com os mesmos objetivos: proporcionar às crianças carentes da zona central de Florianópolis e arredores, que

se encontravam ociosas e dispersas, atividades arte-criadoras que as reintegrassem ao seu mundo criador.

“**PROJETO REMEMORANDO**”: objetivava resgatar a memória cultural de nosso Estado, preservando a identidade catarinense, com ênfase especial nas atividades da linguagem verbal. Encontros com idosos eram efetuados com o objetivo de documentar o passado, visando disponibilizar às crianças as histórias por eles guardadas na memória.

“**PROJETO INTERIORIZAÇÃO DA ESCOLINHA DE ARTE**”: foi desenvolvido com o objetivo de promover cursos, palestras e contatos com entidades culturais do Estado, com a finalidade de estimular a criação de novas Escolinhas de Arte e dar assistência técnica às já existentes, despertando nas lideranças das comunidades o interesse pela Educação através da Arte. Vários municípios foram atendidos por este projeto.

PROJETO “NOVAS PERSPECTIVAS DE ARTE-EDUCAÇÃO”: criado com o objetivo de registrar o histórico da Escolinha para integrar o acervo do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina e ser apresentado no Congresso Mundial de Educação Através da Arte no Rio de Janeiro em 1984.

Devido às constantes transformações pelas quais vinha passando o ensino da Arte na década de 80, a Escolinha de Arte, buscando adaptar-se aos novos rumos, comemora seus 25 anos realizando o “Encontro de Arte-Educadores da Região Sul”, em outubro de 1988. O Encontro tinha como objetivos preeminentes integrar profissionais da área, almejando uma tomada de consciência da situação atual da Arte-Educação, pensando e repensando valores, bem como avaliar o papel e a influência das Escolinhas de Arte na Arte-Educação.

Encontro bem organizado, com programação muito rica focalizando a arte-educação em suas múltiplas dimensões, sobretudo histórica, filosófica, artística, pedagógica e social. Detonador de reflexões sobre a realidade da arte-educação no Brasil. Abertura para se compreender melhor o papel da arte ao nível das relações sociais e se questionar o papel do arte-educador na perspectiva de valores éticos, estéticos e artísticos. (Varela apud Costa, 1990, p. 92).

Um pequeno trecho da avaliação da professora Noêmia Varela nos apresenta indicativos de seus resultados:

Confirmando os resultados obtidos através do Encontro, a Escolinha foi convidada pela Secretaria de Estado da Educação, juntamente com sua equipe de pré-escolar e 1º grau, a reformular o programa de Educação Artística do pré-escolar à 4ª série.

Quanto aos resultados internos, relativos à motivação do corpo docente da Escolinha, o Encontro foi desencadeador de questionamentos e reflexões no sentido de refazer, atualizar e dar necessária fundamentação a uma nova linha de ação educativa.

Em 1990, quatro livros escritos por professores da Escolinha foram publicados por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte através do empenho efetivo da direção da Escolinha de Arte: “Questionando a Livre-Expressão: História da Arte na Escolinha de Arte de Florianópolis”, “Teatro Vida e Movimento”, “Algumas Características do Desenvolvimento Psicomotor na Faixa Etária de 3 a 6 anos e suas Implicações para o Trabalho de Musicalização”, “Escolinha de Arte de Florianópolis: 25 anos de Atividade Arte-Educativa”.

Considerações Finais

Sendo a Escolinha um laboratório aberto, sempre surgiram questionamentos com objetivos de ampliar seu envolvimento a nível mais reflexivo. Propostas de renovação metodológicas passaram a ser apontadas; perspectivas de aprofundamento de sua prática através de pesquisas fundamentadas começaram a despontar, assim como o estudo de novas teorias fomentavam o questionamento e debate dos métodos utilizados, encaminhando para novas propostas.

Não me é possível fazer uma análise pormenorizada de seus últimos anos de existência. Entretanto, pude constatar que a Escolinha, atualmente com 42 anos de existência, continua oferecendo o “Curso Regular de Educação Criadora”, desenvolvendo alguns projetos junto a entidades educacionais, entidades assistenciais hospitalares, lideranças de bairro e prestando orientação e assessoramento técnico a instituições educativas, a estudantes de Arte e a pessoas interessadas. Não constatei novas linhas de ação a partir dos questionamentos

anteriormente apontados, as quais poderiam enriquecer efetivamente sua prática. Considero além do mais, que a Escolinha continua exercendo sua contribuição, constituindo-se presença na história do ensino da Arte em Santa Catarina.

Concluo, portanto, que no decorrer de seus 25 anos de existência a Escolinha de Arte de Florianópolis tornou-se muito mais abrangente em comparação a sua etapa inicial, uma vez que no princípio atuava praticamente em seu contexto interno e, com o passar dos anos, foi apresentando-se como uma Escola Viva, disseminando de forma atuante suas idéias favoráveis à ampliação e integração da Arte no processo educativo Catarinense.

Avalio que a ausência de uma política cultural forte de fomento, associada à necessidade de reflexões e questionamentos mais profundos em torno da Arte e do seu ensino, fortemente sustentados na estética modernista, bem como de aprofundamento teórico-metodológico que revitalize o papel do professor como participante-pesquisador no processo de ensino-aprendizagem, são algumas conseqüências de uma falta de atuação mais viva e dinâmica no contexto atual.

Algumas Escolinhas ainda estão presentes no cenário atual brasileiro, apesar das muitas dificuldades encontradas: a de Porto Alegre, a de Recife, a de Santa Maria, a de Natal, foram as que pude comprovar até então. Além da “Escolinha de Arte de Florianópolis”, existe a “Escolinha Fritz Alt” de Joinville e a “Monteiro Lobato” de Blumenau que continuam marcando presença no cenário catarinense.

Ana Mae Barbosa, que teve como sua escola de iniciação à arte/educação a Escolinha de Arte do Recife, criou uma Escolinha na Universidade de Brasília e participou do grupo de criação da Escolinha de São Paulo, aponta que o Movimento Escolinhas de Arte foi renovador ao questionar “todo aquele ensino Neoclássico das Escolas de Belas-Artes que ainda existia” (Costa, 1990, p. 43). Entretanto, acrescenta que, “no momento em que a célula-mater que era a Escolinha de Arte do Brasil deixou de ter significação cultural” (Ibid, 1990, p. 43), o Movimento se dispersou. Para ela, fica difícil julgar se elas têm relevância hoje, pois ficaram muito arraigadas ao modelo modernista.

Em entrevista com Jorge Vasconcelos, Barbosa (2005) afirma que “a arte mudou e mudamos com ela. Estudos de Epistemologia

da Arte nos mostraram outros modos de aprender Arte com os quais operamos hoje, mas as Escolinhas foram um ponto de partida entusiasmante. Nos instilou o princípio da liberdade de criar”. Princípio este que nos permite transformar a nós mesmos e a realidade vivida, passando pelo imaginário e a liberdade, “[...] olhar a história - de maneira crítica e inventiva - como possibilidade de revisitarmos nossas teorias e práticas” (Azevedo, [2005], p.14).

Ainda, utilizando as palavras de Varela (1988) vale destacar que “entre a vida cotidiana, a vida suada do MEA e sua história restará sempre uma realidade não revelada: fatos, produções, dúvidas, desacertos, hipóteses, um inexplorado acervo de memórias ainda não transformadas em texto escrito” (p. 6). Cabe a cada um de nós, envolvidos com o ensino de arte, continuarmos a escrever essa história.

E para vocês, as Escolinhas têm relevância atualmente?

Referências

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. *Sobre Augusto Rodrigues e o movimento escolinhas de arte*. Brasília: Ministério da Cultura [2005]. Disponível em <http://www.funarte.gov.br/vsa/download/down05/Fernando_Azevedo.doc> Acesso em: set. 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *Recorte e colagem: influências de Jonh Dewey no ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

_____. Entrevista com Jorge Vasconcelos [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <anamae@uol.com.br> em 13 set. 2005.

BRASIL.Ministério Da Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Escolinha de Arte do Brasil*. Brasília, 1980.

COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo. *Escolinha de arte de Florianópolis: 25 anos de atividade arte-educativa*. Florianópolis: FCC, 1990.

CONCLUSÕES do encontro das escolinhas de arte. Arte & Educação: Escolinha de Arte do Brasil, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12., jul.1972.

DALLANHOL, Kátia Maria Bianchini. *Algumas características do desenvolvimento psicomotor na faixa etária de 3 a 6 anos e suas implicações para o trabalho de musicalização*. Florianópolis: FCC, 1990.

DA NOVA, Elza Bonnassis. *Teatro vida e movimento*. Florianópolis: FCC, 1990.

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES EM ARTE EDUCAÇÃO. CONGRESSO INTERNACIONAL DA InSEA, 2006, Portugal. Portugal: InSEA, 2005. Site de divulgação do congresso. Disponível em <http://insea2006.apecv.pt/index_pt.php>. Acesso em: set. 2005.

MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Augusto Rodrigues (Coord.). *Escolinha de Arte do Brasil*. Brasília, 1980.

PESSI, Maria Cristina Alves dos Santos. *Questionando a livre-expressão: história da arte na Escolinha de Arte de Florianópolis*. Florianópolis: FCC, 1990.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. Fundação Catarinense de Cultura. *Escolinha de Arte de Florianópolis. Fazer Criando*. Florianópolis: IOESC, 1987.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE - InSEA, 2005. Congresso Internacional da InSEA 2006 'Diálogos Interdisciplinares em arte educação'. Disponível em <http://insea2006.apecv.pt/index_pt.php>. Acesso em: set. 2005.

VARELA, Noemia de Araújo. *A formação do arte-educador no Brasil*. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *História da arte-educação*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

_____. *Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias*. Fazendo Artes, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988.

ZOLADZ, Rosza. *O Sonho que fez florescer realidades*. Fazendo Artes, Ministério da Cultura, Fundação Nacional de Arte, Rio de Janeiro, n. 12, p. 2-7. 1988.